

O PODER DO MITO*

Carmem JUNQUEIRA (PUC/SP)

ABSTRACT: The paper defines myth, one of the most intriguing and beautiful parts of Indian culture, and shows that they cannot be studied by observing only the text. It is pointed out that myths can be grouped in several categories and myths from the Kamaiurá culture are used as examples.

No estudo das sociedades indígenas a mitologia é, sem dúvida, uma das partes mais bonitas e intrigantes da cultura. Os temas são os mais variados: alguns mitos relatam a origem dos bens sociais, outros referem-se à criação do mundo, à diferenciação das sociedades, ao destino das almas. Há ainda os que aparentemente não passam de simples histórias, aventuras ou relatos de experiências comuns da vida. Alguns são de fácil compreensão, outros bastante enigmáticos. E é sobre esse complexo conjunto de fatos que a antropologia procura formular uma explicação geral satisfatória, ciente de que provavelmente o mito seja entendido na sociedade que o criou de modo diverso de nossas interpretações. Mas ao analisar o mito indígena acabamos por perceber com mais clareza que, para além das inúmeras especificidades históricas, culturais e sociais, o ser humano, em qualquer latitude, concentra considerável esforço na tentativa de compreender o universo e explicar o sentido da vida. Desse exercício intelectual nascem formas originais de saber que ampliam o campo da arte, da filosofia e da ciência.

Começemos pela definição do mito. O que é o mito? "Mythos", do grego, significa narração. Mas não é uma narração qualquer e tampouco tem a mesma natureza da ficção, diz Malinowski. Ele é tido pela sociedade como um relato de acontecimentos ocorridos em tempos remotos e que, desde então, afeta o destino do mundo e das pessoas, sendo, dessa forma, uma referência importante para a vida (Malinowski, 1954:100). Componente indispensável de toda cultura, o mito fortalece a tradição ao dotá-la de maior valor e prestígio, vinculando-a a uma origem superior e mesmo sobrenatural (Malinowski, 1954:144/146).

Por ser uma narrativa, o mito não pode ser estudado apenas através dos textos, é importante conhecer as variações que o narrador imprime à fala quando se dirige a diferentes grupos de pessoas, com diferentes

* Este trabalho foi apresentado na mesa de abertura.

expectativas e diferentes intenções. Variando o auditório, o mito pode ser resumido, ter passagens omitidas ou realçadas. A gesticulação, a expressão corporal, os silêncios são recursos importantes do relato que, conjugados ao contexto mais amplo da cultura, oferecem pistas valiosas para a análise antropológica.

Malinowski acredita que o mito existe por força de profundas necessidades religiosas, vontades morais, submissões sociais, direitos e mesmo requisitos práticos. Além disso, o mito salvaguarda e impõe a moralidade, reafirma a eficácia do ritual e contém normas práticas para orientação do homem.

Lévi-Strauss procura entender o mito a partir de outra perspectiva. Para ele, o fato de relatos e mesmo detalhes se repetirem em sociedades distantes do ponto de vista cultural aponta para a existência de estruturas mentais semelhantes. Pois apesar das diferenças culturais, a humanidade é em todo o mundo a mesma, com as mesmas capacidades (Lévi-Strauss, 1979:33/34). E o mito é uma modalidade de pensamento intelectual posto em ação pelo desejo de compreender o mundo, a natureza, a sociedade (Lévi-Strauss, 1979:30/31).

Para Eliade, um dos grandes estudiosos contemporâneos da mitologia, "o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio"". Em outros termos, "o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais,' uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação" : ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser"(Eliade, 1972:11).

Joseph Campbell, de uma perspectiva psicológica, e de certo modo aprofundando aspectos já apontados, afirma que os mitos são pistas que nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos, a experiência de vida, isto é, a mitologia ensina sobre a própria vida (Campbell, 1992:12). Diz ele que nos mitos de todos os povos as imagens são as mesmas e falam dos mesmos problemas. Por que isso ocorre? Certamente porque "todos os deuses, todos os céus, todos os mundos estão dentro de nós. São sonhos amplificados: e sonhos são manifestações, em forma de imagem, das energias do corpo, em conflito umas com as outras" (Campbell, 1992:41)

Em outras palavras, o sonho é uma experiência pessoal daquele profundo, escuro fundamento que suporta as nossas vidas conscientes. E o mito, conclui, é o sonho da sociedade. Assim, o mito seria um sonho público, enquanto o sonho seria um mito particular, privado.(Campbell, 1992:41)

Para Campbell, "um dos grandes problemas da mitologia é conciliar a mente com a pré-condição brutal de toda vida, que sobrevive matando e comendo vidas"(Campbell, 1992:44), pois faz parte da essência da vida esse comer-se a si mesma. Alguns mitos primitivos ajudam a psique a participar, sem culpa ou receio, no ato necessário da criação. Com isso, toda culpa é banida pelo mito. "Matar o animal não é um ato pessoal. Você estão realizando uma tarefa da natureza" (Campbell,1992:78). Nessa direção, toda mitologia tem a ver com a sabedoria da vida, relacionada a uma cultura específica, numa época específica. Integra o indivíduo na sociedade e a sociedade no campo da natureza. De certa forma, o mito serve de bússola ao nosso consciente.

Essas diversas abordagens encaminham questões relevantes embora nenhuma delas isoladamente dê conta da riqueza simbólica do mito, mas em conjunto, superpostas, iluminam muitas de suas múltiplas faces. Se focalizamos uma sociedade em particular, concreta, que preserve sua mitologia, torna-se ainda possível captar outras dimensões do mito.

Vejamos a sociedade Kamaiurá, do Brasil Central (Alto rio Xingu, Mato Grosso). Sua rica mitologia é ponto de convergência de aspectos e temas os mais diversos e que englobam a religião, a política, o parentesco, a natureza, a diversidade dos homens, das tribos, o destino das almas etc. Os mitos são contados e recontados cotidianamente em reuniões dirigidas por homens mais velhos. Dentro de uma casa ao cair da noite e à luz das fogueiras domésticas, após as conversas triviais do fim do dia, tem início a sessão. O silêncio dos moradores evidencia o interesse e respeito que têm para com as narrativas tradicionais.

A cultura Kamaiurá se mantém e se renova pela tradição oral. E embora hoje em dia vários jovens já tenham algum domínio da escrita, a maioria da população tem na tradição oral o veículo privilegiado para a produção e reprodução da vida social.

Uma das características marcantes da tradição oral é que ela faz da memória das pessoas a guardiã da história. Não que a sociedade como um

todo se volte para a tarefa de memorização: só alguns poucos respondem pela memória coletiva. Embora a maioria dos relatos míticos seja conhecida por todos, homens, mulheres, crianças e adultos, apenas os homens mais velhos da comunidade estão investidos da função de narradores. É interessante que ao se perguntar ao jovem algum detalhe de um mito, que ele seguramente conhece, a resposta é sempre uma: " Só os velhos sabem!"

Para melhor entender essa tradição, convém uma breve descrição do modo como se distribui o prestígio social. O homem quando jovem se destaca caso consiga se tornar campeão da luta huka-huka, o que exige treinamento físico continuado e constante privação sexual. Com o correr dos anos, alguns poucos podem vir a ser donos de uma casa, o que confere prestígio significativo, pois indica que se tornaram líderes de alguns parentes que passarão a residir na casa. Aqueles que pertencerem a linhagens de antigos chefes de aldeia e ainda acumularem qualidades pessoais, como de bom orador, trabalhador, apaziguador e generoso, podem postular o cargo de líder maior, representante da aldeia, e entrar nas disputas políticas. Se tiver sucesso, seu prestígio aumentará consideravelmente. Se ao lado de tudo isso, ele ainda for pajé, sem dúvida ao envelhecer alcançará o topo da escala de prestígio social.

A trajetória da mulher é mais modesta. Enquanto jovem a beleza natural será um dote de valor e talvez lhe confira poder entre os namorados. Mais tarde, serão apreciadas suas qualidades como mãe, esposa e trabalhadora. Mesmo que pertença a uma linhagem de chefes e seja designada como "mulher-capitão" seu prestígio é bem relativo pois não poderá entrar na disputa política, embora seu filho o possa. Finalmente, ao envelhecer ganha algum destaque social, caso tenha acumulado conhecimentos diferenciados sobre ervas e remédios tradicionais. Entre as demais esposas do marido ela terá posição de mando, e sendo esposa de um dono de casa ou do chefe da aldeia será respeitada pelas mulheres da casa. Mas na aldeia propriamente dita não há muito espaço onde ela possa projetar sua influência.

Nesse contexto cultural não é de se admirar que caiba aos velhos o privilégio de zelar pela memória coletiva. Por estarem ligados ao sistema de autoridade e poder, a história por eles narrada será sempre verdadeira e correta. Desse modo, se a versão de um mito apresentar variações quando contada por homens diferentes, os detalhes divergentes são ignorados e todas as versões são consideradas válidas. É claro que o núcleo do mito

tende a se manter estável, mesmo porque os acréscimos dos narradores são geralmente periféricos.

Os Kamaiurá devem de alguma forma suspeitar que a memória não é um repositório de eventos passados e talvez até já tenham pressentido que ela pode conferir a qualidade de recordação a fatos jamais ocorridos. Não se trata entretanto de embuste ou deformação, mas da existência de um mecanismo próprio da memória. Aristóteles já dizia que não poderia ocorrer nenhum processo mental sem as imagens fornecidas pela imaginação, que são a base da memória. Assim o narrador, embora respeitando a temática central da história, introduz imagens e situações novas, além de comentários que ele próprio elaborou.

A memória dos homens mais velhos tenderá sempre a fazer do mito um instrumento de justificação e legitimação dos comportamentos que asseguram a manutenção do sistema de poder vigente. A assimetria social entre homens e mulheres, que revela a existência de desigualdades e subordinação, precisa ser justificada e reafirmada a fim de prevenir reivindicações femininas indesejáveis.

O poder do mito reside exatamente na constante repetição das narrativas que por fim são introjetadas como relatos de fatos absolutamente naturais, que exibem a ordem das coisas estabelecida pela tradição. Essa é a face conservadora do mito.

Selecionei três narrativas kamaiurá que tratam das relações entre homem e mulher e que podem dar uma visão ampla das questões aqui tratadas.

1. As flautas jakuí eram antigamente das mulheres. Bonitas, enfeitadas elas se reuniam na casa das flautas para tocar e lá ficavam horas a fio rendendo homenagem ao espírito da jakuí e também se deliciando com os lindos sons que tiravam. Tocavam e dançavam alegrando todo mundo, menos os homens que morriam de ciúme e inveja. A cada sessão de flautas, mais inconformados ficavam de não poderem ter acesso às jakuí. Decidiram então tirá-las das mulheres. Um dia, de surpresa, começaram a gritar muito alto para assustá-las. Mas não funcionou e elas sem qualquer sombra de medo prosseguiram na execução esmerada das músicas. Quase desanimados com a coragem feminina, eles planejaram um ataque que não poderia falhar. Com a ajuda dos heróis civilizadores Kwat e Yai (Sol e Lua), conseguiram fazer um enorme zunido e foram em direção à aldeia

girando o instrumento no ar e tirando dele um terrível som sibilante. O amedrontador zunido foi num crescendo, as mulheres resistiram como puderam mas, a certa altura, apavoradas correram para casa deixando as flautas para trás. Felizes, os homens passaram a ser donos das invejáveis flautas sagradas e desde então só eles podem tocá-las. As mulheres, vencidas, tiveram que se conformar, lembrando com nostalgia que um dia eram elas as donas. Foram ainda proibidas de ver e tocar as flautas, sob pena de castigo severo. Dizem que há muito tempo, na aldeia Waurá, uma mulher inadvertidamente viu a flauta. Todos os homens tiveram relações sexuais com ela, que finalmente foi abandonada pelo marido! Outra versão do castigo é mais extremada: a mulher morreu porque "difícilmente resistiria a tantas relações num mesmo dia!" Como precaução, elas agora fecham as duas portas da casa assim que ouvem os primeiros sons e, passivas, permanecem confinadas por muitas horas até que os homens decidam que já é tempo de parar a audição.

É curioso como a mulher do mito não enfrenta o homem. Sua reação é se render mesmo antes do enfrentamento, ao contrário do homem que não se conforma com a posição de perdedor.

Uma outra história mostra como, na iminência de um confronto, a mulher prefere se refugiar nas regiões desordenadas da mente e nos limites da vida social.

2. Há muito tempo atrás, os homens foram pescar para os filhos que, em reclusão, seriam em breve submetidos ao ritual de furar a orelha. Saíram todos, deixando a aldeia só com as mulheres e os jovens. Os dias foram passando sem que os pescadores voltassem, até que as mulheres mandaram um rapaz verificar o que tinha acontecido. Qual não foi sua surpresa, quando, no local da pescaria, em lugar de homens ele viu um bando de gente virando porco do mato. Não eram mais homens de verdade, mas seres enfeitados pelo porco. Voltou assustado e relatou a gravidade dos fatos às mulheres.

Depois de avaliarem a situação, elas concluíram que o melhor seria deixar a aldeia, já que não tinham mais os maridos. Pintaram-se, se enfeitaram com os ornamentos dos homens - cocares, colares, plumas - e portando arco e flecha foram para o pátio. Dançaram dias a fio e só paravam para ingerir drogas que aliviavam o sofrimento, confundindo e embaralhando a mente com uma zoada sem fim. Lembraram-se então de pingar nos olhos remédio para esquecer os maridos, para apagar o antigo

amor, fazendo-se finalmente livres. Dançando, rodopiando como loucas, não se cansavam de repetir o canto das lamaricumá.

Só quando pressentiram a chegada dos homens, dispostos a matá-las a dentadas, bateram em retirada, levando os filhos que pelo caminho foram se transformando em peixes, tatus e outros bichos. Quando passavam por uma aldeia, os homens pediam às suas mulheres que não olhassem o cortejo. A maioria olhou, deixando-se seduzir pelas lamaricumá. E assim foram rodopiando pelas matas e arrebanhando mais e mais mulheres, numa jornada fim. Dizem que depois de muito tempo elas decidiram parar e construir uma aldeia nas águas grandes, muito longe.

Vê-se que aqui também a alternativa pensada foi a fuga e, mesmo assim, só depois de atordoar a mente e livrá-las das recordações. Viver distante dos homens, numa sociedade de mulheres guerreiras, foi o único espaço de liberdade que restou.

Uma das raras ocasiões em que a mulher desafia o homem aparece num relato supostamente ocorrido na aldeia vizinha.

3. As mulheres da aldeia se sentiam ameaçadas pela presença de um homem que queria acompanhá-las onde quer que fossem. Quando alguma passava diante da sua casa ele rapidamente indagava: "Onde você vai? Posso ir junto?" Não importava se fossem buscar lenha no mato, ou água, ele sempre se oferecia para acompanhá-las.

O receio chegou a tal ponto que elas decidiram não andar mais sozinhas, era uma forma de se protegerem dos assédios daquele homem. Mas um dia, cansadas de suportar tanta insistência, decidiram pregar-lhe uma peça. Foram em bando convidá-lo para catar lenha e ele, repleto de felicidade, não titubeou um instante. De um salto uniu-se ao grupo.

Tão logo chegaram na mata, as mulheres fizeram com que ele se sentasse junto a um tronco e puseram em prática seu plano. Veio a primeira e sentou-se sobre ele e depois de muito se esfregar constatou que "aquilo não levantava!". Veio a segunda, a terceira, a quarta e todas outras e a reação do homem era de indiferença. Intrigadas perguntaram: "Afinal, você não queria a toda hora nos acompanhar? Como é que continua mole?" Ao que ele respondeu: "Vocês não entenderam; eu queria me juntar a vocês porque gostaria de ser mulher!"

De volta à aldeia, ele passou a usar uluri (tanga feminina), a se pintar e adornar como mulher e os homens "trabalhavam" ele como se fora uma

mulher. Consta que todos encararam com naturalidade o fato e ele se adaptou perfeitamente ao novo papel. Tudo corria bem, até que um dia ele ficou grávido. Foi então morto, pois os índios temendo que as outras tribos rissem deles, jogaram-lhe um feitiço.

Como a história é contada apenas por homens, é possível que vise destacar uma variação do comportamento masculino, que parece não encontrar dificuldade para ser acomodada. Quando ocorre a gravidez, entretanto, a reação é radical porque, independente da liberalidade, a identidade masculina precisa ser preservada, sob pena de abrir espaço à desordem. A mensagem da história parece clara: pode-se aceitar um homem desempenhando papel de mulher, mas é inadmissível que daí decorra o aparecimento de um terceiro gênero: homens que engravidam. O curioso é que para engendrar a história, as mulheres desafiam o homem e o enfrentam com audácia. É bem verdade que foi a desproporção numérica que estimulou o arrojo feminino, mas mesmo assim elas se mostram astutas e inteligentes.

O relato mítico estimula o tradicionalismo no mundo indígena, ao ajudar a perpetuar modelos de comportamento úteis ao grupo de maior poder. Sabe-se que na maioria das comunidades, a assimetria social mais acentuada ocorre entre homens e mulheres. Os Kamaiurá não fogem à regra. Por meio de vários expedientes, eles conseguem impor sua supremacia, limitando a mulher a uma participação secundária em várias esferas culturais e excluindo daquelas diretamente relacionadas com o mundo espiritual. Nesse contexto, o mito é um auxiliar valioso, porque incontestável. Muitos deles se aproximam daquilo que na sociedade industrial chamou-se de mensagem ideológica, isto é, a mensagem que elimina a qualidade histórica das coisas; "as coisas perdem a lembrança da sua produção" (Barthes, 1982:163). Por esse motivo, os mitos Kamaiurá que falam das relações entre homem e mulher tenderão sempre a diminuir a figura feminina e a realçar as qualidades do homem.. Apenas por casualidade é que se atribui à mulher qualidades visíveis, como no caso do homem que queria ser mulher. Aí o objetivo era tratar das peculiaridades do homem, e as mulheres entram em cena apenas para criar ocasião para que ele confesse seu desejo. Se elas permanecessem temerosas e retraídas, não haveria como evidenciar a passividade sexual dele. Desse modo, e por se tratar de mero expediente narrativo, as mulheres foram dotadas de coragem, iniciativa e agressividade.

No conjunto da vida social a mulher Kamaiurá tem participação secundária e cercada de impedimentos. Não tem acesso aos postos de maior prestígio e poder e tampouco participa de modo destacado da vida

cerimonial. Sua existência transcorre em meio a repetitivas atividades domésticas, onde tem poucas oportunidades de ampliar seu horizonte social e intelectual. Por estar excluída da parte mais rica da vida cultural, que é a esfera da pajelança, dos exercícios espirituais e do contato com o mundo invisível, ela deixa de ter acesso a uma fonte inesgotável de conhecimento e de um poder inacessível àqueles atados aos limites estreitos da vida terrena.

Gerado que é nas zonas mais profundas do ser, para além da linguagem, o mito é uma rica fonte de informação espiritual. Ao ser nomeado deixa-se impregnar pela história e incorpora os desejos humanos. Na vida social oferece uma base sólida para a tradição, ao mesmo tempo que atua como força cultural, revolucionária ou conservadora. No texto que acabamos de apresentar vimos que é pela narração dos mitos que se reafirma e justifica a posição secundária da mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. (1982) *Mitologias*, São Paulo, DIFEL,
CAMPBELL, J. (1992) *O Poder do Mito*, São Paulo, Palas Athena.,
ELIADE, M. (1972) *Mito e Realidade*, São Paulo, Perspectiva.,
LÉVI-STRAUSS, C. (1979) *Mito e Significado*, São Paulo, Martins
Fontes.,
MALINOWSKI, B. (1954) *Magic, Science and Religion*, New York,
Doubleday Anchor Books.,